



GUILHERME PIRES

HO
MEM

INI
FI

VIDA E OBRA DE
NADIR AFONSO

NIT
O

INFLUÊNCIA

Índice

<i>Introdução</i>	5
A Forma Primordial	13
Experimentação e Independência	35
Um Pequeno Quarto Parisiense	67
A Arquitetura não É Uma Arte	97
Brasil: Oportunidade e Fuga	119
Um Primeiro Adeus a Paris: Espaço Ilimitado	139
O Caminho É Só Um: Sempre em Frente	185
O Sonho de Um Porto Infinito	219
O Homem Que Pulava Bancos de Jardim	245
<i>Referências bibliográficas, créditos e notas</i>	267
<i>Agradecimentos / Sobre o autor</i>	272

Introdução

Um esboço interminável

Nadir Afonso era um homem sem limites. Parecia não ter fim, ser uma vida em movimento perpétuo, capaz de pensar e fazer arte enquanto atravessava a elipse sinuosa do Infinito, do Absoluto, qual funambulista a percorrer a corda inesgotável do horizonte.

Foi, acima de tudo, pintor: aquele que descobriu as leis matemáticas que regem a criação artística. Artífice e filósofo das formas. Produziu uma obra plástica inovadora, intemporal. Construiu uma filosofia estética sólida, complexa, ousada, que gerou polémica e de certo modo o isolou, ao defender que a arte é objetiva e regida por leis morfométricas que a tornam um ato de observação, percepção e manipulação das formas, e não de pura imaginação ou expressão emocional.

Criou um corpo de trabalho imenso, quase incontável dada a generosidade da sua produção, cujo levantamento tem ocupado a família e a fundação à qual deu o seu nome. Uma obra que, além disso, e em vida de Nadir, foi sempre permanentemente mutável, nunca estática, pois passível de ser alterada mesmo depois de emoldurada e exposta, caso no olhar e no espírito do pintor se iluminassem possíveis erros nas formas, problemas que a seu ver deixassem a pintura manca, incompleta, ainda que o quadro tivesse décadas de vida. Um labor permanente e ilimitado. Uma obra que, em certos momentos, gerou pinturas que ambicionavam ser intermináveis, com os marcantes *Espacillimité*: aqueles que, quando montados na máquina cinética, tentam mostrar como as telas, apesar de finitas, contêm um espaço inesgotável.

Também naquilo que deixou incompleto se vislumbra este clarão da infinitude. Nos gavetões de certos móveis do seu ateliê em Cascais deixou centenas de estudos, sementes inférteis de outras centenas de novas obras que nunca germinaram, e que jamais se transformarão em pinturas, porque lhes falta a visão criadora do pintor, a mão que trabalharia as formas e as cores até encontrar a composição harmoniosa que as justificasse e que delas fizesse arte.

Nadir Afonso foi um homem permanentemente insatisfeito, com força e coragem para nunca se resignar, sempre à procura do melhor de si, do mundo e das pessoas. Traçou um percurso inesperado para alguém nascido numa vila do norte transmontano português em 1920, nunca hesitando em reinventar o seu percurso sempre que sentiu necessidade de o fazer. Um homem de passo incansável também na dedicação ao pensamento — haverá espaço mais infindo? —, no desejo de desenvolver e afinar permanentemente as suas ideias, descobrindo novas interpretações e iterações, desde o sentido da arte e dos mecanismos da criação artística até aos conceitos de Universo e de Tempo, e a sua relação com o ofício do pintor.

Apesar de obviamente limitado pelo corpo, pelo envelhecimento, e por certas decisões que tomou (a arquitetura enquanto matéria de estudo e de profissão, que considerou um *martírio*, por exemplo), Nadir quis sempre ultrapassar tais dimensões — a do passo em falso e a do percurso físico do ser humano (nascimento, crescimento, apogeu, declínio, morte) — através da obra plástica, do pensamento e do seu modo de viver e sentir a existência.

Onde quer que chegasse, e antes de mais, o que fazia era passar: ou seja, pensar.

Nadir, que parece ter vivido inúmeras vidas, poderia ter sido um homem múltiplo, quase possuindo qualidades impossíveis para o ser humano: a eternidade e o desdobramento. Teve três filhas e dois filhos de quatro mulheres, começou e desfez várias relações amorosas importantes, residiu no Porto, em Paris, no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Normandia, em cidades cosmopolitas, metrópoles que eram o centro da arte e da arquitetura moderna, urbes destruídas pela guerra e em reconstrução, mas optou por permanecer a maior parte do tempo entre Chaves e Cascais, duas localidades

pequenas e calmas, recolhido no mundo físico e mental que desejava para si. Nadir, um homem que teve um percurso ímpar na arquitetura portuguesa mas desistiu de ser arquiteto, que foi modernista, pós-impressionista, expressionista, surrealista, abstracionista, geómatra (embora intuitivo), pensador e filósofo, desafiador das convenções artísticas e de ideias essenciais da Física moderna (tudo isto numa única vida), precisava apenas de um metro quadrado para pintar, de um colchão para dormir, de uma sopa para comer; queria apenas um monte para subir, um banco de jardim para pular; o calor dos filhos nas suas mãos e o amor da mulher.

O elemento fundador da sua vida e obra foi o círculo vermelho que pintou, com quatro anos, na parede da sala na casa dos seus pais em Chaves. O círculo, que ele considerava a primordial e mais exata das formas, foi um elo duradouro em tudo aquilo que fez.

O círculo: forma geométrica que, torcida e esticada sobre si mesma, gera o símbolo matemático da infinidade.



Muitos de nós guardamos em caixotes ou em gavetas esquecidas pequenos molhos de fotografias, cartas, postais, cadernos preenchidos com memórias escritas e desenhadas, CDs, discos externos, telemóveis antigos, passaportes expirados, pensamentos guardados em formato digital ou analógico que no futuro poderão servir como prova de vida e permitirão que alguém espreite o nosso passado. Tais documentos são os primeiros a procurar quando alguém arrisca escrever a biografia de outrem; neles encontrará traços da verdade (ou tropeços da memória) que serão essenciais para o trabalho de tentar ser fiel ao que aconteceu, à verdade do biografado, seja factual ou não.

Como o objeto e protagonista deste livro, Nadir Afonso, não foi assim. Da memória escrita, registada, pautada, guardada com maior ou menor cuidado numa arca de passados: restaram apenas resquícios. Cadernos de viagens, diários, cartas de amizade, de amor e de desamor, bilhetes curtos com insignificâncias reveladoras, gravações de voz ou vídeos familiares, objetos e coleções pessoais, nomes ou desabafos cinzelados em árvores: nada sobrou.

Nadir deixou para trás a obra plástica, arquitetónica e teórica, imensa, mas na qual vivem somente essas facetas mais públicas; deixou fotografias, esboços dos livros que escreveu, uma ou outra peça de roupa, alguns pincéis, paletes, estiradores, centenas de estudos de pinturas; os livros que publicou; memórias que a família, os amigos e os antigos colaboradores preservam, mas que não são dele, são imagens e acontecimentos filtrados pelo olhar de quem os observou e com ele privou.

Tal vazio é um fosso sem fundo nem eco, mas não constitui um problema para esta biografia, que respeita a memória que existe: a que o autor deixou, em letra de imprensa, na sua vasta obra intelectual (muitas vezes também autobiográfica, de modo explícito ou latente), e a de alguns dos seus familiares, em particular a viúva, Laura Afonso, e uma das filhas, Lídia Afonso, que generosamente me ofereceram factos e pistas sobre os tempos passados em França, para os quais existem menos caminhos desbraváveis. Foi nestes elementos que me baseei para a escrita desta biografia, na ausência do biografado e de muitas das pessoas de quem foi mais próximo durante as décadas de maior intensidade biográfica. Recorri também a materiais criados sobre Nadir e que encontrei na pesquisa que fiz ou que me foram fornecidos pela família: livros, monografias, catálogos, peças, reportagens e entrevistas jornalísticas de imprensa, televisão, rádio ou publicadas em meios *online*, documentários e registos de época em vídeo.



A vida de Nadir pode, num primeiro relance, ser traçada como a melhor história alguma vez escrita sobre passos em falso e infortúnios. Foi um aluno pouco aplicado, *cábula*, no ensino básico e secundário; escolheu o curso errado quando se inscreveu na escola de Belas-Artes, ao decidir ingressar em Arquitetura e não em Pintura, canto que sempre o encantara; falhou na formação académica, onde esteve sempre a contragosto, nunca se deixando conquistar pelos professores e pela matéria, chegando até a ser suspenso por causa do seu comportamento desadequado (ainda assim, concluiu o curso com média de 17 valores); dedicou-se durante vinte anos a uma profissão que

se viu forçado a assumir, exercendo funções que o frustravam e enervavam, quando no fundo de si ecoava o grito das telas por preencher, da arte plástica a que não podia oferecer-se por inteiro; faliu nas relações amorosas que viveu até 1977, tendo feito nascer três filhas de três mulheres com as quais se relacionou em França e parcialmente em Portugal, alimentado um primeiro casamento de curta duração por terras lusas e várias paixões arrebatadas mas transitórias em França e no Brasil.

Nadir foi fazendo e foi aprendendo em tudo aquilo em que se envolveu; porém, sempre que se sentia asfixiado ou a estagnar, ou quando se apercebia de um horizonte negro que se aproximava, tomava a decisão de sair, procurava uma alternativa, encontrava-a e operava a transformação necessária na vida, na pintura, no que queria ser. Foi aperfeiçoando as suas evasões até que deixou de precisar delas, quando, primeiro, abandonou o exercício profissional da arquitetura e, depois, em 1980, se casou com Laura, a *Laurinha*, o seu grande amor.

Mas que o leitor não se iluda: apesar de todos os reveses, Nadir Afonso foi um homem maior, dono de um pensamento lúcido, ambicioso, clarividente, autodidata mas primoroso a pintar, com um percurso profissional e pessoal incomum e invejável. É um dos mestres da pintura portuguesa do século xx e do princípio do século xxi, em cuja pele imprimiu uma marca indelével; trabalhou, revelando mérito, consequência e sensibilidade, com dois dos mais importantes mestres da arquitetura do século xx, Le Corbusier e Oscar Niemeyer, participando em projetos de grande dimensão e importância social e histórica; construiu uma obra intelectual sem par, cuja filosofia arrojada e disruptiva fendeu um abismo entre ele e uma multidão do meio artístico português; criou e acarinhou, com Laura Afonso, o núcleo familiar que o acompanhou durante trinta e três anos, de 1980 até ao seu último dia, em Cascais; e neste percurso construiu amizades com figuras ímpares da cultura portuguesa e europeia, como Victor Vasarely, George Candilis, Candido Portinari, Iannis Xenakis, André Wogenscky, Richard Mortensen, Auguste Herbin, Fernand Léger, Júlio Resende, Fernando Lanhas, Marcel Marceau ou o próprio Le Corbusier.

Fez tudo isto sempre perseverando numa absoluta independência em relação ao meio artístico nas artes plásticas (nunca caindo nas teias da crítica,

dos galeristas, dos grupelhos de artistas), aos grandes mestres arquitetos para os quais trabalhou (perante os quais nunca cedeu nas suas convicções), à política (que tanto determina na cultura, na arquitetura, na construção, mas que Nadir conseguiu sempre ignorar), à academia (que nunca o atraiu, nem encantou), às convenções sociais do seu tempo (que nunca lhe impuseram barreiras nem fronteiras, por exemplo, nas relações amorosas e familiares).



Uma biografia é necessariamente uma narrativa, composta por uma multidão de histórias e de vozes nas quais abundam as verdades, as interpretações, factos e quase-factos, memórias límpidas e outras deturpadas pela força do tempo ou do preconceito, pequenos e grandes enviesamentos que são difíceis de identificar num trabalho com a condicionante superlativa da ausência do biografado. Nas conversas que tive com os familiares e na leitura dos registos mais autobiográficos de Nadir, senti que este texto teria de incluir o fulgor de momentos particularmente inusitados, insólitos ou marcantes da vida do pintor. Fi-lo através de breves trechos narrativos, de pendor simbólico, que abrem ou fecham os capítulos, ou que servem de quebras de secção dentro dos capítulos, e que, embora sejam recriações da realidade, são fiéis aos factos e à verdade desses episódios fulcrais.

A nível estrutural, esta biografia é necessariamente assimétrica e de certa maneira desigual no espaço designado a diferentes períodos da vida de Nadir porque, na verdade, o percurso dele a isto se prestou. A uma primeira fase, iniciada com a partida para o Porto em 1938, extremamente rica do ponto de vista biográfico, seguiu-se, a partir de 1965, uma progressiva estabilização a todos os níveis, o que reduz muitíssimo o material *relevante* num texto biográfico. O regresso temporário a Portugal, no início da década de 60, e a desistência da prática profissional da arquitetura, precisamente em 1965, permitiram-lhe um progressivo isolamento social e deram-lhe o tempo, a calma e a amplidão mental de que precisava para se dedicar devidamente à pintura e à obra escrita; e também a dimensão mais privada se foi tornando menos turbulenta, encontrando terra firme em 1977, após ter conhecido

Laura Afonso. A essa maior serenidade, e ao regresso definitivo a Portugal, na década de 80, correspondeu um período de profícua produção intelectual e artística mas também o fim do nomadismo anterior, uma menor exposição aos meios artísticos e nenhuma mudança pessoal e profissional, em mais de trinta anos marcados pela reclusão de Nadir, que se afastou propositadamente dos centros da arte portuguesa e internacional, permanecendo nos seus recantos, os ateliês e as ruas de Chaves e de Cascais, para pintar, pensar e escrever.

O pensamento estético e a obra plástica de Nadir Afonso são vastíssimos, pedem-nos dedicação, tempo de leitura, de observação e reflexão para que os compreendamos. É assim por causa da generosa significação dos conceitos e caminhos lógicos que desenvolvem, da complexidade dos argumentos, do cruzamento de ciências e campos do saber, da originalidade e do carácter evolutivo dos fundamentos teóricos, da sua aplicação concreta na pintura e da dimensão filosófica de tudo o que escreveu. A sua obra merece um trabalho específico, de natureza interpretativa e comparativa, para que lhe seja feita justiça. Não é isso que esta biografia procura. Aliás, esse trabalho começou a ser feito no fim da década de 80, muito timidamente, intensificando-se a partir de meados da primeira década do século XXI, em projetos dispersos e publicados por polos académicos, como a Universidade do Porto, e também no contexto de exposições antológicas ou de textos críticos impressos por galerias e museus. As suas ideias e pinturas têm vindo a ser trabalhadas por académicos, historiadores, críticos de arte, artistas e arquitetos portugueses, como Bernardo Pinto de Almeida, Adelaide Ginga, João Pedro Fróis, Michel Toussaint, Fernando Pamplona, António Quadros Ferreira, Fernando Pernes, Maria de Fátima Lambert, Maria José Magalhães, Mário Rui Gonçalves, José-Augusto França, João Cepeda, António Choupina ou a própria Laura Afonso, entre outros. Tais estudos merecem um palco maior do que a extensão necessariamente espartilhada de uma biografia que ambiciona chegar a um público generalista e permitir uma leitura escorreita da vida de um homem complexo.

Este livro pretende relacionar e coser as dimensões estéticas, artísticas, filosóficas e pessoais da vida de Nadir, de modo a tentar fechar o círculo que

as une. Quer destacar os porquês e descobrir o homem nessas interrogações. Para este projeto interessou, pois, encontrar os caminhos de Nadir Afonso Rodrigues, o homem, que o levaram até Nadir Afonso, o artista, o pensador — trilhos nos quais surgem, necessariamente, as suas obras plástica e ensaística, as quais decidi meramente reflectir e contextualizar, como o rosto ténue de alguém que se observa em águas calmas, a partir das palavras do próprio Nadir, de especialistas na sua obra ou dos seus familiares diretos, os que o conhecem mais perfeitamente, e nunca a partir das minhas interpretações ou opiniões: o biógrafo é um espelho e não pode ambicionar a mais.



Nadir Afonso narrava histórias de modo vivaz, com gestos largos e cor no timbre e nas palavras. Era um homem tímido mas apaixonado pela vida, que cantava e imitava o som e os movimentos de quem toca violino, clarinete ou saxofone, e que explodia nos momentos de confraternização em autênticos acontecimentos sociais, deixando memórias vívidas, quer pelo brilhantismo que demonstrava quando falava, pintava, se sentava ao piano e improvisava, como pelo comportamento social por vezes incomum, que fugia à norma ou que a desafiava. Nadir tinha tanto de genial como de esquivo e complexo, mas revelou sempre uma desmedida capacidade de se rir de si próprio. Foi, sobretudo, um homem que discorria e pensava apaixonadamente sobre a arte, que a vivia com máxima intensidade e dedicação.

A missão *declarada* desta biografia é tentar conversar com Nadir através daquilo que ele disse, escreveu e fez, de tudo aquilo que foi dito, escrito e feito sobre ele, de conversas com os seus familiares e antigos colaboradores, de visitas aos seus lugares. Se falhar, será por pouco; mas falhar um pouco será, talvez, a missão *secreta* das páginas que se seguem, pois de um homem simples, romântico, inteligentíssimo, hipersensível, permanentemente curioso sobre os incomuns mecanismos da vida, que optou quase sempre por se afastar da ribalta e por viver na sombra, nascerá senão a incerteza, a argúcia do mistério.

1.
A Forma Primordial
(1920 – 1928)



Nadir, de pé, e o irmão Lerenó

1920 Nadir Rodrigues Afonso, filho de Artur Maria Afonso e Palmira Rodrigues Afonso, nasce «na Quinta dos Codeçais», em Chaves, no dia 4 de dezembro.

1924 Pinta, com tinta encarnada, um círculo perfeito na parede da sala. Mentira à mãe e diz que não foi ele.

«A minha vida é sobretudo relevante pelo que não acontece... é uma espécie de anti-autobiografia.»

«Sob as mais variadas formas, esta minha tendência para a lucubração é de família. Meu pai padecia de doença nervosa, e uma simples falta de lembrança perturbava-lhe o sono. Não raras vezes me interpelava na noite com perguntas destas: Como se chamava a tia de Montalegre?, e eu respondia: Ricardina. Isto poderá parecer, *a quem está de fora*, absurdo e fútil; no entanto, só após o esclarecimento o desassossego do meu pai cessava.

Mas o que tem a tia de Montalegre a ver com o Universo? Tem muito que ver em nós; as mesmas inquietações nos levam a procurar respostas. Meu pai lia Flammarion. As mais avançadas teorias sobre o Cosmos não tinham chegado à nossa terra natal, e segundo aquele astrónomo, a trajetória retilínea de um projétil lançado no espaço seria eterna e infinita. Esta conceção dos céus criava em mim fortes perturbações.

Só se incomoda com estas coisas quem quer; certo, mas melhor seria dizer que só não se incomoda com estas coisas quem pode. Não temos a necessidade de conhecer a geometria do Universo, nem a tia de Montalegre, mas temos necessidade de dormir. Não me meto no trabalho dos grandes da Ciência, não sou versado em Filosofia, nem uma só preocupação que a outros importe me identifica como escritor; o Universo é que se mete comigo, e se me interrogo sobre ele, é para tranquilizar em mim uma obsessiva carência de compreensão.»



Orlando

Um homem com trinta e oito anos leva ao colo o filho mais novo, uma criança de poucos dias, nascida a 4 de dezembro, em noite de intenso frio, na casa da família no lugar dos Codeçais, em Chaves. A mãe, de trinta anos, ficou entre quatro paredes, a recuperar do parto. Este homem, Artur Maria Afonso, é um poeta que avança pela invernia flavienense com um amor novo nos braços. Nos pensamentos fervilham versos que poderia dedicar a uma caminhada tão fundamental. Carrega o filho em mãos de berço desde casa até à Conservatória do Registo Civil de Chaves, no centro da vila. Vai registar o bebé: chamar-se-á Orlando. O menino, que tem a seus pés o mundo de Artur Maria e de Palmira Rodrigues, crescerá com dois irmãos, Lerenó e Palmira de Fátima, viverá em Chaves, no Porto, em Paris, na Normandia, no Rio de Janeiro, em São Paulo, construirá ninhos fugazes nestas cidades e o maior e mais sólido de todos em Cascais, terá cinco filhos, três meninas e dois rapazes, de quatro relações diferentes, formar-se-á em Arquitetura e trabalhará com dois dos mais célebres arquitetos do mundo, mas fará da pintura, do abstracionismo geométrico, da matemática, da filosofia estética, da reclusão e do convívio com a Natureza a verdadeira pulsação da vida, o calor que o motiva, o sol para o qual se vira, a razão para erguer o pincel e recriar a realidade sobre a tela, a partir da realidade, *sempre* a partir dela. Pensará o sentido da arte, a intemporalidade e universalidade da obra plástica, a pureza das leis matemáticas e geométricas presentes nos elementos naturais, a harmonia dessas formas em diálogo umas com as outras, decompostas e recompostas

pela mão do artista; pensará os preceitos do que é natural, o devir do pintor, do filósofo, do físico, do ser humano; dialogará com Einstein para lhe dizer que está errado; encontrará nos homens e mulheres do seu tempo, nos seus pares, ânimo e desilusão; será feliz, será pessimista, será reconhecido e criticado, será eterno. Nunca deixará de trabalhar e de aprender através do trabalho. Mas, antes de tudo isto, não será Orlando. Artur Maria, ao passar por um cigano que conhece, ouve o que este lhe pergunta e abre campo para a raridade,

«Ó Artur, onde vai?»

«Ah, eu vou aqui com o menino, vou registá-lo.»

«Então, que nome vai pôr ao pequeno?»

«Vou pôr o nome de Orlando.»

«Orlando? Muito orlando há de ser ele... Ponha-lhe antes outro nome: Nadir.»

e assim lhe deu nome esse cigano anónimo: eis **Nadir Afonso Rodrigues**, barrosão, flaviense *de gema pura*, português, futuro cidadão do mundo, pensador da criação artística e do universo, investigador da verdade, dos mecanismos da arte e da harmonia das formas, mestre pintor.



O ano é 1920. As terras que pisamos são as da vila de Chaves, que se tornará cidade apenas em 1929, nas quais podemos ver marcas de uma fecunda história que atravessa a invasão romana da Península Ibérica, posteriormente a dos Suevos, Visigodos e Alanos, o domínio árabe que se lhes seguiu, duas reconquistas sucessivas por D. Afonso de Leão e D. Afonso III de Leão, o crescimento de uma importante judiaria, a integração em Portugal por volta de 1160, a construção do castelo e das muralhas por D. Dinis, vários episódios bélicos no século XIX, e por fim os famosos combates entre as forças monárquicas de Paiva Couceiro e as do governo republicano, chefiadas pelo

coronel Ribeiro de Carvalho, dos quais resultou o fim da segunda incursão monárquica no país.

Na década de 20, Chaves é uma urbe pequena, erguida numa zona rural transmontana em que os laços comunitários são fortes, onde existe alguma pobreza mas também escolas públicas, famílias jovens, um horizonte largo e um modo calmo de viver. As aldeias e lugares em seu redor dependem de Chaves a nível comercial, principalmente por causa da exploração das terras pelos lavradores flavienses, e nessas zonas rurais a cadência dos dias é ainda mais lenta, a vida é ainda mais esparsa e trabalhosa. As grandes cidades ficam a um mundo de distância: entre Chaves e as localidades circundantes (como Sapelos, Vinhais e Valpaços, Vila Pouca de Aguiar, Boticas, Montalegre) viaja-se de burro, e para chegar aos grandes centros urbanos é preciso ter tempo livre, dinheiro e coragem para viajar de diligência. No início do século xx, as vias rodoviárias portuguesas eram insuficientes e de má qualidade, percursos de poucas centenas de quilómetros levavam dias a ser percorridos, a não ser que se recorresse ao comboio: a extensão da rede ferroviária era quase 30% superior à atual, consistindo em cerca de 3300 quilómetros de linha explorada (números de 1929) face aos 2500 quilómetros em 2020.

Devido ao esforço financeiro e social que a Grande Guerra impôs, o país vivia uma crise económica cujas faces mais visíveis eram a espiral inflacionista e a pobreza, em particular nas zonas rurais. Portugal sentia também as consequências financeiras e sociais do aumento do défice e da dívida pública (que passou de um milhão de contos em 1918 para oito milhões em 1924), a par da redução das exportações das matérias-primas das colónias, da redução das remessas financeiras dos emigrantes e da fuga de capitais. Com a escassez dos bens essenciais veio o aumento do custo destes produtos, como o pão, o arroz, o azeite, a batata, o café ou o leite, que em alguns casos duplicou durante a guerra e triplicou entre 1920 e 1924. Tudo isto geraria um aumento sem precedentes, nem controlo, da produção de dinheiro e a sua consequente desvalorização.

Em 1920, segundo os Censos desse ano, em Portugal viviam seis milhões de pessoas, das quais apenas cerca de um terço sabia ler. A Grande

Guerra e a gripe pneumónica de 1918 impuseram uma estagnação no crescimento populacional. A presença de estrangeiros era residual: os anuários estatísticos do Instituto Nacional de Estatística indicam que em 1925 existiam no nosso país apenas 29 mil pessoas estrangeiras, de três nacionalidades: 18 mil espanhóis, 5 mil brasileiros e 2 mil ingleses. Portugal era, pois, um país fechado para o mundo, apesar da dimensão do dito império formado pelas colónias africanas e da emigração de portugueses que partiram à procura de mais e melhor, de fazer diferente e de aprender o que não se aprendia por cá.

Pelo contrário, após a exaustão económica e social gerada pela Grande Guerra, a Europa e os Estados Unidos da América começaram a lançar-se numa euforia de crescimento económico, criatividade e expressão artística, aos quais o progresso material do pós-guerra deu campo fértil. Foi neste ambiente que empalideceram os nacionalismos da Primeira Guerra Mundial e nasceram as vanguardas do mundo artístico moderno. Nesta década, na Europa e na América do Norte brotam os Loucos Anos 20, *Les Années Folles*, *The Roaring Twenties*, que se sentiram menos intensamente em Portugal, cuja conjuntura política e assimetrias sociais gritantes bloquearam a verdadeira dimensão desse tempo de ilusões e felicidade fugaz, em particular quando comparado com o que se viveu em Paris, Londres, Berlim ou Nova Iorque. Na arquitetura, em particular, as vanguardas que nasceriam nesta década não chegaram a Portugal nesses anos; tais movimentos emergiriam em terras lusas somente após a Segunda Guerra Mundial. A par da euforia social e artística, em 1920 entrou em vigor o Tratado de Versalhes, que estipulou a paz e ditou o ponto final da Grande Guerra, e foi também declarado o fim da gripe espanhola, que deixou um rasto de dezenas de milhões de mortos (e, em Portugal, matou, entre outros, Amadeo de Souza-Cardoso e Guilherme Santa-Rita).

Portugal viveu, é certo, laivos das grandes transformações impostas pelos Loucos Anos 20, como a influência negra do *jazz*, as transformações visuais geradas pela primazia da *art déco*, alguns indícios de emancipação feminina, a progressiva generalização da utilização do automóvel, do telefone e da energia elétrica, o crescimento da indústria do cinema (e a emergência das primeiras figuras mediáticas), o desenvolvimento de um espírito de época individualista, consumista, de vida rápida, urgente, explosiva. Pelo nosso

país não passariam, contudo, mais do que resquícios ou reflexos da revolução sentida nas grandes cidades europeias e americanas: a intensidade não seria a mesma. Célebres são as palavras de Almada de Negreiros quando, ao chegar a Lisboa vindo do seu primeiro período em Paris, para onde partira convicto de que por lá se faria um homem, escritor e artista maior, declarou que tudo lhe parecia mais pequeno, mais ínfimo, minguado: «Que longe de mil novecentos e vinte que estão os portugueses!»

Aos problemas sociais sentidos em Portugal no início da década correspondeu uma vaga de contestação, com um período de greves em vários sectores do trabalho em 1920 (dos ferroviários, dos funcionários públicos, da Carris, da construção civil, dos Correios e Telégrafos, dos trabalhadores dos Arsenais), tudo isto no contexto de uma crescente instabilidade política gerada pela difícil, instável e complexa vida da Primeira República, marcada por rápidas e constantes mutações governamentais, bem como por cisões significativas nos partidos. Nas zonas da província, contudo, pouco disto se fazia sentir: nem a euforia típica dos Loucos Anos 20, nem a sensação de perda ou depressão que as crises económica, financeira e política geravam nas grandes cidades.

Em 1920, a República Portuguesa tem quase dez anos de vida e está a seis de ser derrubada pela ditadura militar que, quase uma década mais tarde, em 1933, se transformará num Estado Novo autoritário, antiparlamentarista, censório e violento. Portugal é um país pobre e periférico no contexto europeu, e na província transmontana este contexto é ainda mais vincado. O interior é muito mais distante do litoral do que hoje em dia, e a nível nacional a medicina é ainda pouco acessível ao cidadão, apesar das melhorias nos cuidados de saúde, entre os quais a dimensão materno-infantil, com a construção de maternidades e hospitais dedicados a crianças e jovens, que decorreram da Revolução Republicana e da consagração do «direito à assistência pública». Existem, contudo, escassos hospitais fora das grandes cidades, e as taxas de mortalidade infantil e no parto ainda são elevadas. O acesso à educação também não é universal nem devidamente estimulado. Portugal tem uma população pouco instruída, que mal acede às novidades da ciência, da cultura, das artes.

Eis, pois, o contexto em que nasceu Nadir Afonso Rodrigues, filho das terras de Barroso, como o próprio se descrevia, descendente em linha direta de barrosões. Ao longo de uma vida de 93 anos, Nadir assistiria à estagnação e agrilhoamento de um Portugal em ditadura, à posterior modernização e educação do país, à recomposição, nova destruição e reconstrução da Europa, à evolução da técnica e da ciência, ao surgimento de vanguardas artísticas nas artes, à globalização da sociedade e à aceleração dos seus ritmos, à expansão do conhecimento disponível na ponta dos dedos, às transformações operadas nas cidades e nos conceitos da vida em comunidade.



Os antepassados de Nadir Afonso eram oriundos de Chaves, Boticas e Montalegre, localidades vizinhas na antiga província de Trás-os-Montes e Alto Douro. A mãe, Palmira Rodrigues Afonso, nasceu em 1891 em Chaves (sendo que toda a família era originária da povoação de Sapelos, no concelho de Boticas, incluindo os seus pais, Felisbina Rua e Augusto Rodrigues), enquanto o pai, Artur Maria Afonso, veio ao mundo em 1882 na vila de Montalegre, do concelho com o mesmo nome, da qual era oriunda toda a sua família.

Palmira cresceu num ambiente familiar marcado pelo trabalho na lavoura: muitos dos seus ascendentes eram proprietários rurais e a família tendeu a seguir essa atividade. Todavia, também a influência militar se fazia sentir entre os seus: o pai, Augusto Rodrigues, era major, tendo servido como oficial em Lisboa, Mafra e Chaves, participado em missões militares nas antigas colónias portuguesas de Angola e Moçambique, entre as quais uma viagem de exploração ao Lago Niassa, e sido nomeado Cavaleiro da Real Ordem de São Bento de Avis. Augusto, avô que Nadir não chegou a conhecer, fez outras viagens mundo fora, chegando a atravessar o Canal de Suez e a visitar a Palestina. Era também o responsável pelas propriedades agrícolas da família em Sapelos. Além de Augusto, também dois dos três irmãos de Palmira, António e Joaquim, foram oficiais do Exército, tendo participado na Grande Guerra. O primeiro, António, fez parte do Corpo Expedicionário Português, no qual serviu nas trincheiras da Flandres, onde, como tantos

outros homens, foi alvo dos ataques de gás pelas forças rivais. Morreria pouco depois de ter regressado a Portugal, ainda jovem, com a saúde enfraquecida devido às ofensivas sofridas na guerra. O segundo era médico, e foi nessa condição de militar e clínico que o Exército o destacou para Angola. O irmão mais novo, por coincidência também chamado Artur, vivia em Sapelos e era lavrador.

O pai de Nadir, Artur Maria, era o mais novo dos sete filhos de João Maria Afonso e Orísia Ferreira da Silva Branco. Nascido em Montalegre, cedo se viu privado da companhia da mãe e do pai devido à transferência deste para Lisboa, no âmbito da sua atividade enquanto funcionário judicial, quando Artur era ainda criança. Os pais foram viver para a capital, instalando-se na Rua das Amoreiras, e Artur ficou em Trás-os-Montes, entregue aos cuidados dos tios maternos, António de Carvalho e Maria Ferreira da Silva, que não tinham filhos e trabalhavam como professores de instrução primária. Todos os seus irmãos viriam a falecer ainda jovens: das cinco irmãs apenas duas tiveram filhos, e o irmão Luís morreu novo, na Guiné. Nadir teria, por isso, pouco convívio familiar com os tios, que também foram para Lisboa, e dos avós paternos conheceria apenas a avó.

Palmira e Artur conheceram-se em Chaves. A memória da família já não guarda o contexto exato, mas o encontro terá sido bastante romântico: ele, poeta, tê-la-á visto em concursos de beleza locais e engraçou com ela, dedicando-lhes alguns poemas, que por sua vez geraram novas partilhas, trocas de correspondência e de palavras entre os dois, e serenatas de Artur, guitarra em riste, à porta de casa de Palmira. Após esse período de namoro e romantismo, casaram-se a 5 de outubro de 1918 em Casas Novas, no concelho de Chaves.

Palmira era uma mulher dedicada à família. Ocupando-se das lides e economias da casa, partilhava com Artur Maria a educação dos filhos. gostava de desenhar, de bordar, de ler (era apaixonada pela obra de Camilo Castelo Branco) e de costurar à máquina, o que fazia quando tinha vagar. Também tinha gosto pela música, sabendo tocar bandolim. Não tinha, ainda assim, uma apetência artística muito vincada; porém, nunca deixou de pôr à disposição do filhos materiais para que estes se mantivessem ocupados

e expressassem as suas aptidões e vontades no campo das artes plásticas: papéis, lápis, cadernos, tudo estava à mão dos três filhos. Nadir e Lereno, mais do que Palmira de Fátima, encontraram nos desenhos e na pintura interesse e aptidão.

Artur, por seu lado, era um homem que levava a poesia nas veias. Apesar da história dos seus antepassados, todos eles agricultores, nunca lavrou a terra, mas adorava-a, em particular o Larouco, onde caçava, passeando pelas serranias que também viriam a prender a atenção e o pensamento do seu filho Nadir. Em vez de trabalhar os campos, Artur dedicou-se aos escritos: aos 18 anos, fundou em Montalegre um jornal, *O Barrosão*, de tendência republicana e pendor literário e noticioso, onde primeiro revelou a sua aptidão para as palavras. Distinguiu-se, mais tarde, a nível regional como poeta, tendo publicado quatro coleções de poesia (*Alvoradas*, *Boninas de Chaves*, *Orações ao Vento* e *Terra dos Meus Amores*). Era um homem sensível, que se inquietava com preocupações pouco relevantes para os outros, como descreve Nadir no estranho caso do nome perdido da tia Ricardina: se não se recordasse de como se chamava a tia, Artur Maria não seria capaz de adormecer. Nadir herdou do pai essa inquietação gerada no seu mundo interior, íntimo, e que lhe dificultaria sobremaneira a sociabilização nos campos profissional e pessoal; também o horror aos médicos e às medicações, a vontade da fuga ao que à medicina dizia respeito; e a paixão pelas naturezas simples; mas dele não ganhou o gene da poesia, que Nadir nunca procurou enquanto criador, apesar de ser leitor de Pessoa, Rimbaud e muitos outros poetas.

Mas regressemos ao pai de Nadir Afonso. Artur Maria escreveu regularmente na imprensa regional, publicando numerosos poemas e artigos nos jornais locais em que colaborava. Foi mestre-escola em Cambeses do Rio, no concelho de Montalegre, funcionário das Finanças em Odemira, Murça e Chaves, e industrial, tendo investido, com outros três sócios, numa empresa de fabrico de telhas e tijolos, a Cerâmica Flaviense, em 1922. Alguns anos antes — no período anterior ao casamento —, foi com António Granjo, seu conterrâneo, e por sua influência, que se dedicou à extração mineira de volfrâmio e estanho, em minas nas zonas transmontanas de São Caetano e Soutilha das Agueiras e São Julião. Granjo, conhecido republicano de

Chaves, foi um político de carreira fugaz mas intensa durante os anos de caos social e político da Primeira República Portuguesa, tendo sido presidente da Câmara Municipal de Chaves em 1919, deputado pelo Partido Republicano Evolucionista, ministro da Justiça durante o governo do coligação de Domingos Pereira, presidente do Ministério (equivalente ao atual cargo de primeiro-ministro) em dois períodos breves, entre julho e novembro de 1920 e entre agosto e outubro de 1921, mês no qual foi assassinado durante a «Noite Sangrenta», juntamente com outras figuras de proa da ala mais conservadora dos movimentos republicanos.

Artur Maria passou ao lado desta dimensão da sociedade portuguesa, mantendo-se dedicado à família, à poesia, aos passeios pelas serranias e às suas atividades profissionais. Chegou a ser proprietário de muitos terrenos e minas na região flaviense, acabando por vender tudo no início da Segunda Guerra Mundial: o conflito gerou um aumento vertiginoso no preço do minério, o que por seu lado fez explodir o interesse na aquisição das minas, e Artur Maria, que não tinha espírito de homem de negócios — preferia o mistério da procura dos recursos, em caminhadas nas quais por vezes levava o seu filho Nadir, à exploração financeira e industrial do volfrâmio e do estanho —, acabou por vender tudo o que tinha por preços modestos face ao potencial das explorações.

Do amor entre Artur e Palmira nasceram três crianças. O primogénito foi Lereno, em 1918: rapaz sensível, de aspeto franzino, teria em pequeno, como Nadir, o gosto pelo desenho, que abandonaria em prol de outros interesses, como o piano. Em adulto, quis ser notário, mas após ter chumbado nos exames de acesso ao curso de Direito, em Coimbra, acabou por fazer o curso de professor de instrução primária, profissão que nunca deixou de exercer.

Palmira de Fátima seria a terceira a nascer, em 1926. Gostava de escrever poesia, mas seguiu os passos do irmão Lereno, tornando-se professora de instrução primária e, mais tarde, após se ter licenciado em Filologia Românica, do ensino secundário. Por se ter casado com um português que tinha negócios no Brasil, viveu três anos no Rio de Janeiro, na década de 1960, dez anos depois de Nadir por lá ter passado. Durante esse período, não trabalhou.

Após ter regressado a Portugal, retomou a sua atividade como professora. Sobreviveu aos dois irmãos, estando viva ainda em 2021, mas bastante debilitada.

Nadir, o irmão do meio, nasceu a 4 de dezembro de 1920, num dia chuvoso. O nome que o cigano lhe deu, dado o significado do termo em hebraico — «raro» — e na língua árabe — «homem incomparável, letrado» —, auspiciava o carácter incomum que a sua vida viria a ter: um percurso marcado por desencontros diversos, a nível pessoal e profissional, e uma convergência harmoniosa e pujante com a pintura, a arte, a natureza, a reflexão e a escrita.

Tudo começou na casa herdada pela sua mãe, Palmira, da tia-avó materna, Maria Pires, que enviuvou sem ter filhos; nesta casa, a que a família chamava «Quinta dos Codeçais», e que ficava perto de São Roque, na atual Rua dos Codeçais em Chaves, nasceu Nadir, às dezanove horas do referido dia 4 de dezembro, e ali viveria a família durante cerca de mais um ano, mudando-se em 1921 para o primeiro andar de um prédio na Rua da Madalena, hoje Rua Cândido Sotto Mayor, junto à Ponte de Trajano e paredes-meias com a Igreja de São João de Deus, no Bairro da Madalena. O momento simbolicamente inicial para Nadir aconteceu nesta casa, na parede da sala.



Mil novecentos e vinte e quatro. Um menino de quatro anos está de pé diante de uma das paredes da sala da casa dos seus pais. Segura numa das mãos um pincel que banhou em tinta vermelha. Não o sabe ainda, mas enfrenta a sua primeira tela, a inaugural vaga de um nevão de pinturas ao qual dará vida: o primeiro abismo branco no qual se prepara para descobrir a forma natural, geométrica, perfeita. Ergue a mão à altura do queixo. Titubeia em frente, mas sem hesitação. Encosta as cerdas do pincel à parede. Desenha nela um círculo vermelho, quase perfeito: eis a obra nascida na tela, o *coração da geometria*. Revela-o. O menino recua, de olhar fixo na parede. Não o sabe ainda, mas observa os dias que por ele aguardam. Observa o Porto do fim dos anos 30, a Paris artística dos anos 40 e 50, uma viagem de navio para o Brasil e outra de regresso, o mergulho profundo na pintura e na reflexão sobre a arte.

Observa muito mais do que isto: vê tudo dentro e em redor daquele círculo vermelho, a *roda tão bem feitinha*. Está perante o mais belo espectáculo da sua vida, a exatidão das formas — de um círculo, de um triângulo, de um quadrado — e a ressonância que estas lhe deixam a pairar no espírito: a emoção que nele se desperta ao contemplar a harmonia por elas formada, quer integradas num conjunto complexo quer despidas de tudo.



Durante a infância de Nadir, nos meses quentes do ano, as ruas de Chaves, e em especial as cercanias do rio, eram o palco das brincadeiras dele, do irmão e dos seus amigos. Grande parte da infância foi vivida nas margens ou no leito do Tâmega. A família manteve-se na Rua da Madalena até aos seus 12 anos, e era essa a zona de Chaves que ele e os amigos calcorreavam diariamente. Foi nesses tempos de menino que nasceu a sua ligação ao rio e ao Jardim Público, que fica junto a uma dessas margens, onde gostava, com os amigos, de saltar sobre os bancos. Fê-lo em criança, nos jogos infantis que as infâncias felizes e completas alimentam; fê-lo também em adulto, quando regressava à cidade, porque carregava em si uma jovialidade peregrina, indestrutível, que se sentia na intensidade e paixão que dedicava ao que mais o entusiasmava. Tinha oitenta e seis anos na última ocasião em que o fez. Saltou e comentou: «Hoje, pulei-os, mas acho que não os vou conseguir pular mais.» E de facto nunca mais o fez. Mas empurremos para trás os ponteiros do relógio.

Dos seus amigos de infância e adolescência recordar-se-ia de João Fernandes, mais conhecido por João Latoeiro por causa da profissão do pai, que tinha uma oficina e fazia cântaros de lata, Toninho Torres, David Ferreira (que em adulto chegaria a ser Presidente da Câmara de Chaves e convidaria Nadir a fazer o plano de urbanização da cidade), Amílcar, Mariz, Augusto Russell, Acácio, hoje nomes de crianças anónimas, na altura sinónimos de amizade e diversão. Passavam horas infindáveis no rio, à caça de pequenos sapos, imersos na frescura das águas, dedicados uns aos outros e ao que lhes

era natural. Também o Jardim Público os recebia, depois da escola, quase todos os dias, com a sua extensão e verdura, o coreto, os bancos, as cadeiras para aluguer ao longo da alameda central, em duas filas — a primeira, disponível apenas para os cidadãos mais abastados e reputados; a segunda, para os restantes —, o pequeno edifício, a que chamavam a casa portuguesa, onde se serviam bolos e laranjadas, a praça central, onde assistiam a sessões de cinema, concertos, festas e arraiais em que podiam participar, as famílias em passeio e a largueza que o lugar lhes oferecia.

Era no Bairro da Madalena, onde ficava a casa de Artur Maria e Palmira — paredes-meias com a Igreja de São João de Deus, perto do rio e da ponte romana —, que os miúdos habitualmente se reuniam. Nadir aproveitava a proximidade da igreja para desfiar o seu atrevimento e boa-disposição. Com planta octogonal, estilo barroco na fachada e elementos neoclássicos e barrocos no interior, este templo foi construído no século XVIII, durante o reinado de Dom João V, anexo ao Hospital Real, que se destinava a soldados e oficiais dos regimentos de infantaria e cavalaria da guarnição da praça de Chaves. No topo da fachada erguia-se um dos pormenores que cedo estimulou os sonhos de Nadir: dois enormes querubins de granito, que nos dias de hoje ainda ali estão, de costas voltadas para o Tâmega, a observar as ruas da cidade. Uma vez que do logradouro da casa dos seus pais era possível entrar no púlpito da igreja, as crianças aproveitavam o caminho secreto, e assim também Nadir: vestido de *cavaleiro misterioso*, herói do cinema da época, com o rosto tapado e de revólveres invisíveis nas mãos, aparecia no púlpito durante as missas para fazer rir os fiéis mais bem-humorados e indignar os mais conservadores.

Lereno era um rapaz engenhoso, criativo, que na sua adolescência construiu uma máquina de projetar, com a ajuda dos ferreiros da Madalena, a quem pediu que fizessem parte da estrutura e outras peças. A família chegou a assistir filmes projetados por esta máquina de Lereno. Os ferreiros fizeram parte do universo infantil de Nadir, tal como os funerais de crianças, dada a elevada mortalidade da zona transmontana naqueles anos. Entre os seus amigos, alguns morreram de tuberculose. É o caso de Valdemar Rosa, um rapaz extremamente inteligente, que o irmão de Nadir visitou quando

a doença já estava avançada. Valdemar tinha outro irmão, José Vaz, que se tornou engraxador em Santa Apolónia; já em adulto, Nadir encontrou-o várias vezes na estação, onde ia de propósito para engraxar os sapatos e rever o amigo. Uma das memórias flavienses que Nadir mais invocava era a obrigação dos mais novos em ajudar a transportar os caixões dos meninos e meninas falecidos, nos funerais. Os rapazes seguravam o caixão, as meninas amparavam as borlas. Esta tarefa coube-lhe muitas vezes, na companhia de três outros rapazes: Lereno, seu irmão, e os seus amigos Torres e João Latoeiro. As meninas que assumiam o seu dever nestas ocasiões eram habitualmente duas conhecidas de Nadir, Isabel Sousa Dias e Micas.

Em casa, um lar de classe média do Portugal dos anos vinte, havia livros, material para pintar, desenhar e escrever, um piano, um bandolim, máquina de costura, interesse pelas artes. Nadir lembrava-se de ver o pai escrever, cedo pela manhã, antes de este sair para a repartição de finanças, no edifício da Câmara Municipal, e de as crianças partirem para a escola. Sentado a uma pequena mesa, Artur Maria era alvo da curiosidade do filho, que gostava de o ver dedicado àquela arte, embora o menino nunca a tenha compreendido enquanto criador, apenas no papel de leitor: Nadir escreveria alguns poemas durante a adolescência, na fase romântica dos quinze e dezasseis anos, mas estes não puxaram por si além desses tempos. A ficção nunca o despertou; preferiu sempre tentar compreender a realidade, explicá-la, conhecê-la para, desse modo, se conhecer. Mais tarde, nas suas investidas pela Estética, a criação artística e os seus mecanismos, deixaria escrito (numa reflexão de 1970, «Perfeição e Harmonia») que a literatura não é uma arte, mas uma ciência técnico-social, que busca a perfeição; porém, nos mesmos escritos afirmaria que a poesia, sim, é uma arte, de perfil rítmico (como a música), e aqueles que a executam visam, como na pintura, a harmonia.

Os montes transmontanos chamavam pelas pessoas, e na família de Nadir havia quem respondesse. O seu pai, em particular, era apaixonado pelos passeios nas serranias, onde procurava o desafio da paisagem, inspiração para a poesia, mas também o pormenor dos recantos no solo onde se escondessem pedras e minerais, qual garimpeiro de ideias e rochas. O filho do meio acompanhava-o, de quando em vez, numa infância que teve tanto

de dedicação aos lugares urbanos na vila como ao horizonte largo dos montes e dos lugares atrás dos montes. Esse gosto nunca abandonou Nadir, e seria, talvez, um dos laços mais profundos que o uniam ao pai. Mas desde pequeno que Nadir queria mais, ver mais, conhecer mais; e assim fez. Assumiu a liberdade que lhe era permitida, mesmo que as sociedades não o quisessem, saiu dos montes transmontanos, correu mundo.

O percurso não foi direto, longe disso, e começou até por discretas deslocções entre Chaves e as aldeias próximas. Uma delas foi realizada na companhia da tia-avó Josefina, professora de instrução primária, no dorso de um burro, que os levou ao longo de trinta quilómetros até Rebordelo, uma aldeia junto aos limites do Barroso, em Montalegre. Josefina e Nadir demoraram três dias a percorrer os caminhos entre as povoações, pernoitando em casas de famílias amigas, não evitando os receios que todos os que por ali viajavam sentiam ao atravessar o Pindo, um monte que, segundo as lendas da região, era refúgio e posto de ataque de salteadores. Nadir dormia com a tia: na primeira noite, ao deitar, um dos objetos que Josefina pôs sobre a mesa foi um revólver.

Nadir partilhava com o pai, desde criança, um espírito inquieto e nervoso, permanentemente interessado pelo desconhecido, mas de certo modo sofredor devido à inquietação gerada pela ausência de respostas para as perguntas que queria ver respondidas. A sua vida, pautada por essa procura da solução para o mistério, para a desmontagem e remontagem dos maquinismos da vida e do saber, revelaria que tais preocupações lhe corriam nas veias; mas alguns casos de depressão, melancolia e inadaptação social, vividos na sua fase adulta, revelariam outros traços do seu carácter, por vezes identificados pelos pais durante a infância: um certo medo da doença, dos médicos e da medicina; uma hipersensibilidade que o tornava minucioso no modo como via o mundo, mas que o aproximava demasiado dos outros, tendo alguma dificuldade em ler as pessoas; uma personalidade dada a acessos, fruto de uma sinceridade total, por vezes lida como arrogância ou confronto; a paradoxal qualidade de mostrar júbilo perante um pormenor que muito lhe agradasse ou de cair numa profunda tristeza quando o pormenor que o impressionara também era triste.

«A ARTE CLARIFICA OS ESPÍRITOS E DIGNIFICA O HOMEM. A ARTE HUMANIZA.»

Nadir Afonso, um homem sem limites. Como o círculo perfeito que desenhou na parede da sala dos pais, quando tinha quatro anos, pareceu ter uma vida infinita, em movimento perpétuo.

Partiu de Chaves para o mundo. Foi um arquiteto talentoso, modernista, que trabalhou com dois mestres em França e no Brasil: Le Corbusier e Oscar Niemeyer. Recusando a ideia de que a arquitetura é uma arte, prescindiu dela em prol da pintura, a sua verdadeira vocação e obsessão.

Pertenceu às vanguardas europeias da pintura abstracionista, geométrica e cinética da segunda metade do século XX, privando com figuras como Victor Vasarely, Fernand Léger, Max Ernst, Júlio Resende ou Candido Portinari. Criou uma obra plástica abundante, singular e intemporal. Em simultâneo, construiu uma filosofia estética sólida e complexa, na qual revela os mecanismos da criação artística e o sentido da arte.

Homem de paixões, teve várias relações em França, mas foi em Laura, o seu verdadeiro amor, que encontrou porto seguro, dedicando-se a ela durante 36 anos, até ao fim. Sempre humilde, sempre convicto das suas ideias e dos méritos do seu trabalho artístico, tornou-se um nome incontornável da pintura e da arquitetura portuguesa.

Nem todos o compreenderam. Muitos o celebraram. Esta é a sua biografia.



INFLUÊNCIA um outro olhar 20 20 editora	ISBN 978-989-564-857-3  9 789895 648573 Biografia
------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------